

CAPÍTULO TRÊS



Planeamento da investigação

Objectivos de Aprendizagem

Quando tiver terminado o estudo deste capítulo, deverá ser capaz de:

- Explicar a diferença entre uma ideia de peça jornalística e uma hipótese
- Elaborar um plano de reportagem de investigação
- Criar e apresentar um ângulo informativo e convincente
- Explicar os usos e as limitações dos diferentes tipos de materiais de base, ou fontes, e os diferentes métodos de investigação
- Compreender o significado de rasto documental e a forma de o seguir
- Elaborar e utilizar critérios de autenticidade e adequação de evidências e
- Preparar calendários e orçamentos exequíveis.

Se tem confiança de que já adquiriu estas competências, passe já para

- Capítulo 4, que explica como procurar e utilizar fontes de informação
- Capítulo 5, que explica como realizar entrevistas
- Capítulo 6, que explica como fazer pesquisas assistidas por computador e baseadas em números (ex. financeiras)
- Capítulo 7, que contém conselhos sobre a análise de evidências, a apresentação das mesmas e redacção do texto.

 Konrad
Adenauer
Stiftung



 Fair
FORUM for
AFRICAN
INVESTIGATIVE
REPORTERS

 cij

Um grupo de repórteres de investigação africanos que trabalhavam em vários países, juntaram-se e descobriram que as suas comunidades tinham muitos problemas em comum. Todas sofriam de exploração e esgotamento de recursos pelas mãos de grandes empresas multinacionais. Todos podiam identificar funcionários corruptos cujas actividades prejudicavam a prestação de serviços e o estado de direito. Todos testemunhavam – e nalguns casos viviam pessoalmente – a devastação das doenças como VIH/SIDA, malária, pneumonia e os problemas causados pela falta de medicamentos para as tratar.

Decidiram que havia lugar a investigações transnacionais onde a experiência acumulada de vários

países podia facilitar o exame desta questão de forma exaustiva.

Mas isto seria um empreendimento de grandes proporções e complexidade. Todos os aspectos, desde a selecção do tópico até à modelação do trabalho, teriam de ser bem controlados, para garantir que o projecto final fosse bem elaborado. A organização era o Fórum dos Jornalistas de Investigação Africanos (FAIR) e a investigação transnacional que resultou, sobre a disponibilidade de medicamentos, constitui o caso de estudo deste capítulo, nas páginas 3-19. Em primeiro lugar, estudamos os elementos necessários para o planeamento de qualquer projecto de reportagem de investigação, grande ou pequeno.

Porquê planear?






O capítulo anterior examinou fontes para boas ideias de peças de jornalismo. Verificámos que embora os ‘palpites’ de pessoas com conhecimento íntimo das situações, sejam imensamente vantajosas para os repórteres de investigação, não são a única fonte de ideias, e que todas as fontes de informação têm as suas próprias características e limitações.

Também verificámos que as melhores ideias não são forçosamente as maiores: as melhores ideias são as que incidem sobre o cerne de um verdadeiro problema na comunidade ou sociedade em geral onde os repórteres trabalham.

Mas não se pode passar de uma ideia directamente para a investigação. Esta representa apenas um ponto de partida. As reportagens de investigação acarretam uma grande responsabilidade social – e vários riscos legais – e, daí, surge a necessidade de assegurar que a reportagem é a mais cuidadosa, exacta e exaustiva possível. Como o trabalho de comunicação social é um esforço de equipa, é também necessário garantir a boa comunicação com os colegas. E, visto que uma reportagem de investigação requer recursos, temos de ter a certeza que os mesmos existem. Por estas razões, é necessário planear o trabalho exigido para obter a sua reportagem.

A origem da sua ideia será um dos factores que dará forma ao seu plano de trabalho. Se a ideia surgiu das suas próprias observações, ou de vivências pessoais, tem de ter a certeza de que estas experiências individuais representam na verdade uma tendência ou questão mais ampla. Se a ideia surgiu de um palpite, deverá comprovar a sua autenticidade, fiabilidade e possíveis motivações da fonte, mesmo antes de continuar. Estas perguntas foram apresentadas no capítulo 2, e o capítulo seguinte contém mais informação sobre a verificação de fontes de informação.

Mas mesmo que as fontes de informação sejam impecáveis e os factos iniciais irrefutáveis, existe uma primeira fase que deverá ser considerada: transformar a sua ideia numa hipótese ou questão bem focada que a investigação deve provar, refutar ou responder. Isto é necessário porque:

-  **Transforma o trabalho em algo mais manejável, conferindo-lhe limites e alvos.**
-  **Ajuda a comunicar e a ‘vender’ a ideia aos outros.**
-  **Permite preparar um calendário do tempo e dos recursos com mais exactidão**
-  **Providencia critérios de relevância para as evidências recolhidas**
-  **Prepara os alicerces para um artigo final coerente.**

No entanto, um plano não é gravado na pedra. Como poderá ver no que se segue, convém demonstrar suficiente flexibilidade para lidar com a nova informação e as novas orientações que a sua investigação irá desvendar.

De ideia a hipótese

Muitas vezes, terá uma ideia para uma reportagem em termos gerais que lhe permitirá investigar um universo alargado de tópicos (e provavelmente pouco maneável). Uma boa técnica para o desenvolvimento e afinação desta ideia é de escrever. Tente compor um resumo do artigo: um parágrafo que descreva o artigo final. Esta é a forma de abrir as mentes da sala de redacção para o artigo, e de delinear um leque de possíveis explicações. Também ajuda a verificar se o artigo pode ser tratado como local ou se terá implicações nacionais, regionais ou até pan-africanas. Por exemplo:

Local, nacional ou regional?

Têm sido escritos muitos artigos em relação ao impacto da privatização da água sobre os pobres em África. A câmara municipal X no nosso país, privatizou os serviços de água há uns 3 anos e a nossa redacção no local tem vindo a receber queixas de que a água é agora mais cara e que os serviços de reparação são pouco fiáveis. A zona foi assolada por uma epidemia de diarreia. Alguns afirmam que o abastecimento de água já não é deficiente; outros dizem que as pessoas não têm meios financeiros para acederem à água privada e utilizam fontes menos seguras. Este artigo analisará o impacto da privatização da água sobre a comunidade e se a água ainda é segura.

Esta abordagem de 'quadro grande' é uma boa base para dar continuidade ao processo criativo de reflexão. Ajuda a focar no artigo, mesmo que não na sua totalidade. É bastante abstracta e geral – quase que é mais académica do que jornalística. Não define os termos e levanta questões que podem levar o artigo em sentidos diferentes ou dividir o mesmo em temas diferentes.

- O nosso foco é a segurança ou o custo? Estes podem ser temas de dois artigos.
- Será que 'impacto' significa impacto apenas sobre os pobres? Será que existem também problemas nas comunidades de classe média? E os agricultores e indústrias consumidores de água nesta zona?
- Será que queremos ver se os mesmos problemas existem nas outras regiões? Nos países vizinhos? No âmbito internacional?

(Claro está que estas perguntas podem fundamentar outros artigos no futuro. Não se devem desperdiçar os resultados de uma tal reflexão.)

Existem outras estruturas mais pormenorizadas que podem ajudar a comprimir este nível geral de descrição e ver exactamente qual deve ser o seu projecto de jornalismo de investigação (JI). O primeiro é a fórmula clássica para focar num assunto:

O que tem estado a acontecer? E depois? (Qual a razão dos nossos leitores se interessarem?)

O que tem acontecido? Isto confere ao seu artigo contornos distintos de NOTÍCIAS. Tem-se constatado um grande surto de diarreia transportada por água em X, um distrito onde o abastecimento de água foi privatizado. **E depois?** Os nossos leitores querem saber o porquê e também se a água e a sua saúde estão em risco. Temos de descobrir a origem da epidemia. Se puder ser ligada à privatização da água, temos de descobrir esse elo. E quaisquer que sejam os factores de risco, temos de ver se os mesmos existem – ou se podem vir a surgir – em qualquer outro local, para que os nossos leitores fiquem prevenidos.

Esta estrutura providencia ideias proveitosas para a apresentação do seu artigo, tornando-o apelativo aos leitores. Mas é ampla e não indica as actividades práticas, o foco exacto ou os níveis de profundura da investigação.

Quem o fez? Como o fez? Quais as consequências? Como pode ser corrigido?

Esta é uma abordagem de delinear o JI que muitos dos manuais de jornalismo norte-americanos recomendam. Apresenta claramente as fases de investigação planeada e é indicada para artigos onde já existem indícios fortes de corrupção. Mas presumir-se que alguém é culpado antes de se analisarem todas as evidências, pode ser perigoso. Ignora outra pergunta importante para o JI: **conspiração ou caos?** Por outras palavras, será que a epidemia é o resultado de negligência intencional e de redução de custos que põe em causa a segurança, ou o resultado de negligência, sistemas impróprios que não se adaptam às circunstâncias, recursos inadequados, ou uma dúzia de outras causas que não podem ser atribuídas a um 'vilão'. Talvez convenha fazer perguntas iniciais mais neutras:

O que correu mal? Como correu mal? Porque é que correu mal? Quais as consequências? Como é que a situação pode ser corrigida?

Thomas Oliver, assistente de redactor de projectos (reportagens de investigação) do jornal americano *The Atlanta Journal-Constitution*, sugere três perguntas que reúnem notícias e o planeamento profundo e focado

Quais são as notícias? Qual é a peça jornalística? Qual é a palavra-chave?

'**Quais são as notícias?**' ajuda-nos a resumir numa frase o que pode estar a correr mal: a epidemia, novamente. '**Qual é a peça jornalística?**' foca na forma como pode ser contada – por exemplo, contando como as pessoas encontram água quando não a podem comprar de uma empresa privada. Ou deslocando-se à central de água e analisando a suficiência do controlo de segurança no processo. A terceira pergunta, '**Qual é a palavra-chave?**' ajuda o jornalista a resumir a ideia num aspecto chave:

talvez ‘acessibilidade do preço’ ou ‘desleixo’. Ao recorrer a este processo, tem de escolher a orientação da sua investigação. Depois de recolher todas as suas evidências, pode utilizar estas três perguntas para obter uma orientação para escrever a reportagem. Oliver faz a seguinte observação: “os projectos têm a tendência de se tornarem demasiado inclusivos e por vezes abrangem tudo quanto a pessoa quer saber sobre um assunto específico, de forma exaustiva. Este é um defeito, não uma potencialidade.”

A última pergunta a fazer é:



Qual a fundamentação? (Qual a razão de escrevermos esta peça?)

Ao examinarmos a nossa fundamentação, concentramo-nos nos valores que alicerçam o artigo. É nesta fase que os aspectos como o interesse público são examinados, e ao fazermos esta pergunta e obtermos a resposta, podemos por vezes impedir os artigos que se destinam apenas a revelar escândalos pelo simples prazer.

Algumas perguntas que podem desenvolver cuidadosamente a fundamentação lógica de um artigo incluem:

- Quem beneficiará /poderá ser prejudicado se escrevermos o artigo?
- Quem é desafiado pelo artigo ou chamado a prestar contas?
- Qual a importância da questão?
- Será que o artigo vai levantar debate sobre valores e comportamentos?
- Será que o artigo vai salientar sistemas ou processos defeituosos?
- O que é que o artigo pode revelar que não seja já conhecido?
- O tema do artigo já foi tratado antes ou noutra qualquer?

Poderá optar por extrair perguntas de todas estas estruturas e tecê-las num processo de planeamento pessoal. Isso também é aceitável – qualquer estrutura será vantajosa se ajudarem a decidir:

- Se realmente existe um artigo;
- Qual é o artigo; e
- Qual a orientação que a sua investigação deve tomar.

O Jornal Daily Dispatch e o Hospital de Frere

O jornal regional da África do Sul, *The Daily Dispatch*, da província do Cabo Oriental, publicou uma investigação em Julho de 2007 sobre uma alegação de centenas de mortes desnecessárias de bebés num hospital local. O artigo teve grandes repercussões em todo o país – incluindo o despedimento da vice-ministra da saúde, que foi acusada de “não ter agido como membro de equipa” porque entre outras coisas, tinha apoiado as reclamações do jornal em relação à crise no hospital.

O redactor assistente do jornal, Andrew Trench, explica como a investigação teve início e a forma como foi planeada:

“A nossa investigação especial sobre as mortes dos bebés na maternidade do Hospital de Frere teve um princípio humilde. Começamos com um artigo há dois meses, nas notícias diárias, com a reportagem de uma mãe, cujo bebé tinha falecido devido a situações de negligência no hospital de Frere. Infelizmente, tratava-se de uma situação habitual para nós. Ao longo deste último ano, várias mães tinham-nos contactado para nos relatarem as suas experiências penosas e mágoas depois de perderem seus filhos no hospital. Desta vez, decidimos adiar a publicação por um dia. Pedimos aos nossos repórteres para tentarem localizar em 24 horas, quantas mães fosse possível, que tivessem vivido uma experiência semelhante. No espaço de um dia, tínhamos localizado pelo menos meia dúzia. Era evidente que precisávamos de efectuar uma investigação mais profunda deste fenómeno para compreender o que se passava na realidade. Por isso, nomeámos 3 jornalistas para se ocuparem exclusivamente da investigação da verdade por detrás destas experiências penosas s. Durante os últimos dois meses, Chandre Prince, Ntando Makhubu e Brett Horner não têm feito outra coisa senão isto. Eles falaram com pessoal actual e antigo do hospital e entrevistaram pais que tinham perdido seus filhos. Percorreram os corredores do hospital e desenterraram documentos. Reuniram todos os elementos desta situação chocante que hoje revelamos...”

Deve transformar esta interpretação da sua proposta de artigo numa **hipótese** (uma afirmação que a sua investigação irá apoiar ou refutar) ou uma **pergunta directa** à qual o seu artigo poderá responder. A sua hipótese ou pergunta ajuda a decidir quais serão as evidências relevantes e o que é que se considera de prova. Podem ser curtas ou longas, uma frase ou duas. Mas devem

- ✓ Ser concretas e específicas
- ✓ Evitar terminologia descuidada, susceptível de ser interpretada de várias formas
- ✓ E não devem dar origem a questões mais profundas e subjacentes, que devam constituir o seu foco verdadeiro. (É assim que as investigações preconceituosas desenvolvem. Começam no meio do processo, baseadas em suposições que o artigo nunca analisa.)

Poder-se-á começar por pensar que a peça sobre pobreza, privatização e doença transportada pela água levanta duas hipóteses possíveis.

- A** A privatização fez com que o preço da água a tornasse inacessível aos pobres. Por conseguinte, extraem água de fontes gratuitas, pouco higiénicas, levando ao surgimento de uma epidemia, ou;
- B** As empresas privadas de água actuam de forma descuidada, não cumprem com as normas relativas à segurança da água, o que resultou na epidemia.

Mas deve analisar estas hipóteses com precaução. Em que pressupostos se baseiam – e será que tais pressupostos são válidos? Ambas as hipóteses baseiam-se em pressupostos não comprovados sobre a origem da epidemia: **A** pressupõe que sejam as fontes de água ‘não oficiais’ que são as culpadas; **B** pressupõe que a central de água descure as normas de qualidade. Na verdade, deve analisar ambas as possibilidades, porque ambas se baseiam na mesma pergunta de fundo: qual é a origem da epidemia?

A melhor hipótese seria então:

A recente epidemia de doenças transportadas pela água na área municipal de X foi causada, ou pela privatização do abastecimento de água, ou de fontes de água não oficiais.

Esta hipótese aperfeiçoada permite voltar ao esboço do artigo e criar um artigo mais claro e equilibrado:

A área municipal de X, onde a água foi privatizada, vive um surto de diarreia transportada por água. Este artigo procurará identificar a origem da epidemia. Será que foi o facto de as pessoas não terem os meios financeiros para comprar água privada e assim utilizam os riachos e os poços poluídos? Ou será que foi pelo facto de a empresa de água privada ter baixado as normas de pureza na sua instalação para reduzir custos? Vamos conversar com cientistas sobre as causas da epidemia. Vamos acompanhar os membros de uma comunidade pobre na sua procura diária de água e visitar as instalações com um perito independente para examinar as suas normas de segurança. Quando estabelecermos a causa da doença, vamos analisar o que tem de ser efectuado para evitar uma nova ocorrência.

Exercício 1

Hipóteses

Leia e faça a sua crítica da seguinte hipótese de JI. Aponte o que achar conveniente como fundamento para a reportagem, e o que achar que não é. Como é que a hipótese deficiente pode ser melhorada?

- 1** “Os imigrantes que estão a invadir este país são os causadores do crime”
Adequado/ Não adequado

Comentários

- 2** “A pena de morte deve ser reintroduzida para dissuadir os homicidas”
Adequado/ Não adequado

Comentários

Exercício 1**Hipóteses (cont.)**

- 3** “As restrições impostas sobre o ensino da Sida por algumas instituições doadoras estão a dificultar o serviço completo de aconselhamento e apoio”

Adequado/ Não adequado

Comentários

- 4** “O Ministro X recebeu um suborno em 1999 para garantir o seu voto a favor de um negócio de venda de armas, valorizado em milhões de dólares, ao nosso país”

Adequado/ Não adequado

Comentários

- 5** “As enfermeiras no hospital X na província Y, vendem medicinas obtidas na farmácia do hospital por conta própria”

Adequado/ Não adequado

Comentários

COMENTÁRIOS:

- 1** “Os imigrantes que estão a invadir este país são os causadores do crime”.

Esta hipótese não é adequada. Baseia-se num pressuposto - que os imigrantes estão a invadir o nosso país - que não foi comprovado. Não define o significado de “imigrantes”: podem ser imigrantes documentados ou indocumentados, de países desde o Reino Unido até ao Irão. E a expressão ‘são os causadores do crime’ é vaga. Será que a hipótese sugere que os imigrantes cometem na verdade os crimes, ou que alteram a sociedade de tal modo que surgem mais oportunidades para a prática do crime, ou para mais pessoas se sentirem tentadas a praticá-lo?

- 2** “A pena de morte deve ser reintroduzida novamente para dissuadir os homicidas.”

Igualmente, esta hipótese parece ter chegado a uma conclusão em relação ao assunto antes de ser realizada qualquer investigação. Dá origem a várias perguntas:

- O que é que dissuade os homicídios?
- Existe apenas um factor dissuasivo ou será que vários tipos de homicídios são afectados por factores diferentes?
- A pena de morte já foi confirmada como factor dissuasivo?
- Quais são as outras consequências e riscos da reintrodução da pena de morte?

Tomando em consideração estes factores, quais são os benefícios da reintrodução da pena de morte, do ponto de vista social?

Exercício 1**Hipóteses (cont.)****3 “As restrições impostas sobre o ensino da Sida por algumas instituições doadoras estão a dificultar o serviço completo de aconselhamento e apoio”**

Esta hipótese é adequada mas teria ainda mais valor se a frase ‘... a dificultar...’ estivesse mais bem definida – por exemplo ‘impedindo as clínicas de prestar aconselhamentos a trabalhadoras do sexo ou distribuir os preservativos.’

4 “O Ministro X recebeu um suborno em 1999 para garantir o seu voto a favor de um negócio de venda de armas, valorizado de milhões de dólares, ao nosso país”

Isto ainda precisa de ser aperfeiçoado:

- Quem ofereceu o suborno?
- Quanto?
- Temos a certeza de que o Ministro teria votado contra o negócio de armas se não tivesse recebido o suborno?

Precisa de mais pormenores e de focar a hipótese nas acções do Ministro.

5 “As enfermeiras no hospital X na província Y, vendem medicinas obtidas na farmácia do hospital por conta própria”

Esta hipótese é adequada. Define a investigação, e o alvo.

Elaborando um plano de investigação

Depois de desenvolver uma hipótese, terá de elaborar um plano de investigação. Siga os seguintes passos, na ordem em que são apresentados:

- Preparar uma lista das eventuais fontes
- Desenvolver critérios de adequação e prova
- Decidir sobre a metodologia
- Criar um calendário
- Desenvolver um orçamento do plano geral

Planeando a investigação: **preparar uma lista das fontes**

O Capítulo 4 analisa em pormenor a forma como lidar com as fontes de informação, e o Capítulo 5 trata de fontes de entrevista. Esta secção explica o tipo de fontes de informações que podem ser usadas, descrevendo os pontos fortes e os pontos fracos de cada uma.

Existem dois tipos principais de fontes de informação: primárias e secundárias.

1 Fontes de informação primárias

Estas são aquelas que oferecem evidências directas e específicas, ou relatam experiências directas. Por exemplo, um doente que adquire medicamentos clandestinamente no hospital através de uma enfermeira, constitui uma fonte de informação primária sobre a experiência – mas não sobre o que as enfermeiras fazem nos bastidores. Igualmente, o encarregado na instalação de água que é instruído a efectuar ensaios à pureza da água uma vez por mês em lugar de uma vez por semana. O mesmo acontece com um extracto bancário de um ministro, que revela claramente o pagamento feito por uma empresa internacional de armas. As fontes de informação primárias – desde que tenha confirmado a autenticidade das mesmas – são bastante valiosas, porque providenciam a prova directa de um acontecimento. Muitas vezes, são também as mais difíceis de encontrar. As pessoas que viveram experiências relevantes, podem mostrar relutância em fazer quaisquer declarações com receio de sofrerem represálias, e os documentos tais como extractos bancários ou registos hospitalares regem-se por leis de confidencialidade ou de privacidade. O capítulo seguinte explica como lidar com estes desafios práticos e éticos.

2 Fontes de informação secundárias

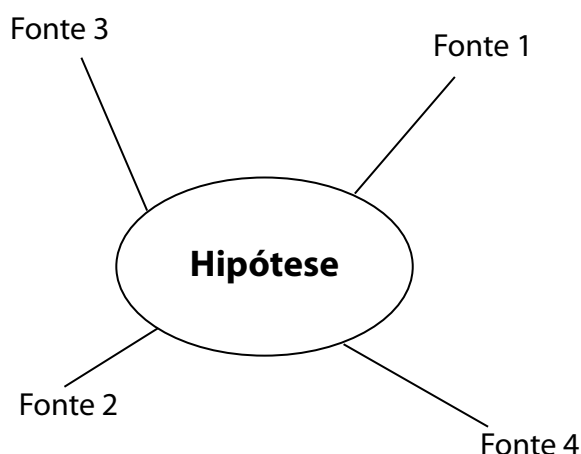
Estas fontes de informação providenciam informação a uma certa distância. Todo o material publicado, incluindo relatórios de organizações e relatos em segunda mão (“tinha um amigo que...”) são fontes de informação secundárias. As fontes de informação

secundárias são valiosas, em especial para estabelecer o contexto e o ambiente, ajudando a explicar questões e providenciando indicações sobre os contactos, mas todas as evidências obtidas desta forma devem ser verificadas e comprovadas, conferindo-se também as referências do autor.

Mapeamento mental

Antes de mais, deve preparar uma lista das fontes que pretende utilizar para obter evidências e informações de fundo. Uma boa maneira de efectuar isto é de criar um 'mapa mental'.

Numa folha grande de papel, escreva a sua hipótese no centro. Em seguida, desenhe 'ramais' relacionados com as diferentes partes da hipótese. Nestes ramos, faça uma lista de eventuais fontes de informação.



Material de base

Existem três tipos de materiais de base: humanos, documentais e digitais (internet).

a Recursos humanos

Os recursos humanos inserem-se em várias categorias: protagonistas directos, testemunhas oculares, peritos e partes interessadas, algumas mais prestativas, outras menos. Certifique-se da posição, credenciais e motivações das pessoas que contactar. Se estiver a investigar a matéria relacionada com a privatização da água, os representantes de organizações anti-privatização poderão providenciar bastante informação. Mas essa informação será tendenciosa: deve também procurar outros pontos de vista. Se conversar com membros da comunidade, certifique-se da representatividade das 'vozes': devem consistir em mulheres, homens, jovens, idosos, e vários grupos de rendimentos e interesses. As vozes humanas conferem autenticidade ao texto e dão-lhe vida. Evite sempre basear o seu artigo em apenas fontes de informação documentais e electrónicas.

b Fontes documentais

Estas incluem livros, jornais e revistas, registos oficiais e documentos comerciais, tais como contratos e extractos bancários. Muitas vezes, é nas fontes documentais que encontra as provas que procura. Nós classificamos isto de 'seguinto o rasto documental'. Bill Gaines, repórter de investigação veterano, de nacionalidade americana, atribui o seu sucesso à sua capacidade de consultar documentos. "Eu obtinha as histórias que as outras pessoas deixavam escapar porque visitava os lugares onde os documentos estavam arquivados." E, frequentemente, Gaines encontrava aquilo que procurava em documentos públicos, sem ter de penetrar ficheiros secretos. Ele encontrou o endereço duma fonte importante ao consultar os arquivos da conservatória dos registos prediais, e conseguiu confirmar os actos de corrupção praticados por uma empresa a partir das informações fraudulentas que esta havia apresentado no seu registo comercial.

Os jornalistas de investigação em África enfrentam problemas quando procuram evidências documentais: muitas vezes não existem, os registos públicos encontram-se em desordem ou são difíceis de consultar, ou não existe legislação de liberdade de informação que consagre aos órgãos de comunicação social o direito de efectuar investigações documentais. Mesmo na África do Sul, onde existem leis de liberdade de informação, a atitude dos funcionários pode criar obstáculos. Um estudo efectuado em 2003 pelo Instituto da Sociedade Aberta (*Open Society Institute*) classificou a África do Sul em último lugar de entre cinco países recém-democratizados em termos de providenciar acesso a informação. Investigações posteriores revelaram que um dos problemas principais era a atitude e as fracas capacidades dos funcionários, que muitas vezes impediam o acesso com receio que a informação fosse 'utilizada contra o governo'.

No entanto, numa sociedade moderna, todos deixam um rasto documental. O manual *Internews*, destinado a jornalistas de investigação no Camboja oferece o seguinte exemplo:

Numa sociedade moderna, todos deixam um rasto documental

- Pelo nascimento, o hospital produz um *certificado de nascimento*.
- Quando ingressamos na escola, somos matriculados, e durante o percurso escolar, são produzidos outros registos que incluem os *relatórios de assiduidade e boletins de notas*.
- Se partirmos uma perna a jogar futebol, vamos para o hospital e obtemos um *registo médico*.
- Se formos processados por violação da lei, temos um *certificado de registo criminal*; se estivermos envolvidos num processo civil, são apresentados outros *documentos legais* no tribunal.
- Quando nos casamos, as conservatórias emitem uma *certidão de casamento*.
- Quando compramos uma casa, são lavrados *documentos respeitantes à venda e/ou de crédito à habitação*.
- Se ganharmos o suficiente para descontar para o IRS, serão arquivadas *declarações de impostos e pagamentos*.
- Se comprarmos alguma coisa, recebemos um *recibo* com a descrição das compras, do local e da forma de pagamento.
- Quando morremos, será emitido um *certificado de óbito*.

Cada um destes documentos terá uma designação própria, em função do país em apreço, mas o que este exemplo demonstra é que todos, por muito humildes que sejam, se encontram documentados algures. Uma parte importante da pesquisa inicial para uma reportagem de investigação, é descobrir quais documentos são utilizados e exigidos no domínio sob investigação – onde e como são arquivados, e o acesso aos mesmos. Se for necessário obter autorizações prévias, estas devem ser solicitadas no início da investigação, porque as autorizações oficiais levam tempo a serem concedidas. Não descure as fontes documentais mais óbvias: anuários e listas telefónicas.

c Fontes digitais

As fontes digitais incluem a informação na Internet e em registos digitalmente arquivados. A consulta destas fontes exige competências e alguns conhecimentos técnicos, um tema explorado em pormenor no Capítulo 6. A quantidade de informação disponível na Internet é deslumbrante mas, à semelhança de qualquer outra fonte de informação, convém verificar a fonte dessa informação, suas credenciais e possíveis motivos. Não se esqueça que a Internet é relativamente pouco controlada: quase todos com acesso podem afixar qualquer coisa, incluindo boatos. Para além disso, a informação na Internet mantém-se em circulação durante muito tempo; frequentemente, muito depois de cair em desuso. Primeiro consulte as fontes de informação mais recentes.

d Nova ferramenta: 'crowd-sourcing'

Isto conjuga as fontes humanas e digitais. Os jornais que têm uma presença na Internet ou boas ligações telefónicas têm começado a incitar os leitores a contribuírem para o trabalho de investigação. Fazem a reportagem de um acontecimento como o que acima descrevemos e, em seguida, convidam os leitores a darem as suas contribuições. Quando o *Fort Myers News-Press* nos EUA seguiu este procedimento com uma reportagem sobre facturação excessiva dos serviços públicos locais, ficou estupefacto pela reacção. Os leitores enviaram análises de balanços e documentos técnicos, para além dos milhares de telefonemas e emails que recebeu. Leia o artigo completo no site do jornal (<http://www.news-press.com/apps/pbcs.dll/frontpage>).

Exercício 2

Como abordar as fontes de informação

Quais são os prós e os contras das seguintes abordagens a fontes de informação?

- A** “Estou a investigar o impacto do investimento chinês no meu país. Tenciono fazer muitas entrevistas com os empregados de fábricas cujos proprietários são chineses. Sei que assim poderei obter evidências primárias da forma como os investidores chineses exploram os trabalhadores locais.”

Comentários

Exercício 2**Como abordar as fontes de informação (cont.)**

B “Estou a investigar como a pobreza no meu país tem causado a subida do custo do *lobola* (pagamento do preço da noiva pelo noivo). Tenciono começar com um casal que foi impossibilitado de contrair casamento pelo facto de o jovem não possuir os meios financeiros para pagar a quantia exigida pelos pais da noiva. Vou também falar com casais mais velhos, anciãos tradicionais, pastores, oficiais de casamento e um sociólogo da Universidade para ver se consigo desenvolver uma linha de tempo que indique como os custos do casamento têm aumentado nos últimos 10 anos. Depois vou tentar correlacionar isto com as estatísticas económicas para ver se consigo provar que o agravamento da pobreza familiar tem contribuído para que os pais se tornem mais exigentes. Mas também vou falar com os pais para obter os seus pareceres, para que o artigo não seja apenas um ataque aos pais ‘gananciosos’.

Comments

C “Estou a investigar a ligação entre a posse de terras pelas multinacionais no meu país e a transformação das práticas agrícolas. Tenho a impressão de que as empresas alimentares estrangeiras estão a exercer pressão sobre os lavradores para cultivarem apenas produtos de exportação. Existe muita informação na Internet sobre este assunto, de todo o mundo. Basta apenas efectuar entrevistas locais para confirmar que o mesmo se está a passar aqui.”

Comments

COMENTÁRIOS

A “Estou a investigar o impacto do investimento chinês no meu país. Tenciono fazer muitas entrevistas com os empregados de fábricas cujos proprietários são chineses. Sei que assim poderei obter evidências primárias da forma como os investidores chineses exploram os trabalhadores locais.”

Existem poucas fontes de informação aqui e o ângulo das perguntas não abrange todo o alcance da investigação. Na verdade, levantam-se várias perguntas, incluindo a predominância do investimento chinês, se esse se limita apenas à posse de fábricas, e se os proprietários chineses de fábricas são invulgarmente rigorosos com os seus empregados. Não foi feita qualquer tentativa de contextualização, e esta investigação pode resultar num simples reforço de preconceitos.

B “Estou a investigar como a pobreza no meu país tem causado a subida do custo do *lobola* (pagamento do preço da noiva pelo noivo). Tenciono começar com um casal que foi impossibilitado de contrair casamento pelo facto de o jovem não possuir os meios financeiros para pagar a quantia exigida pelos pais da noiva. Vou também falar com casais mais velhos, anciãos tradicionais, pastores, oficiais de casamento e um sociólogo da Universidade para ver se consigo desenvolver uma linha de tempo que indique como os custos do casamento têm aumentado nos últimos 10 anos. Depois vou tentar correlacionar isto com as estatísticas económicas para ver se consigo provar que o agravamento da pobreza familiar tem

Exercício 2**Como abordar as fontes de informação (cont.)**

contribuído para que os pais se tornem mais exigentes. Mas também vou falar com os pais para obter os seus pareceres, para que o artigo não seja apenas um ataque aos pais 'gananciosos'.

Esta é uma boa seleção de fontes de informação: humanas e documentais, que demonstra um esforço para equilibrar os diferentes tipos de provas.

C “Estou a investigar a ligação entre a posse de terras pelas multinacionais no meu país e a transformação das práticas agrícolas. Tenho a impressão de que as empresas alimentares estrangeiras estão a exercer pressão sobre os lavradores para cultivarem apenas produtos de exportação. Existe muita informação na Internet sobre este assunto, de todo o mundo. Basta apenas efectuar entrevistas locais para confirmar que o mesmo se está a passar aqui.”

Não, isto não 'basta'. No melhor das hipóteses, a informação na Internet fornece apenas um contexto e a pessoa não pode, em qualquer caso, aceitar tudo sem seguir um processo de verificação. Também vai precisar de informação documental para contextualizar a situação no seu país: talvez estudos sobre as tendências no sector agrícola ao longo de alguns anos. Deve relacionar esta informação com os padrões de posse de terras. E 'algumas' entrevistas com os lavradores podem dar cor e voz mas, sozinhas, são muito poucas para providenciarem evidências sobre tendências e padrões e podem até não passar de vivências pessoais.

Planeando a investigação:

critérios de adequação de provas

Depois de fazer uma lista de possíveis fontes de informação para as evidências de que necessita, terá de decidir o que é considerado de prova para a sua hipótese, ou uma resposta adequada à sua pergunta. Será suficiente provar que o Ministro recebeu um suborno e que, na realidade, votou a favor do contrato de comércio de armas? Ou será que tem de analisar as opiniões do ministro em relação ao comércio de armas e se essa opinião sofreu transformações depois de receber o suborno? Será suficiente provar que agora a instalação de água efectua menos controlos de qualidade do que dantes, ou será que deve procurar saber quais as consequências de um controlo menos assíduo? Brant Houston recorda-nos que os melhores repórteres de investigação não se limitam apenas a reunir as evidências que confirmam as suas hipóteses mas também as contraditórias. Por exemplo, é pouco provável que um funcionário público que já é bastante rico perca o seu tempo a prestar qualquer serviço a alguém que lhe ofereça um suborno de 10 mil dólares. Considerando que as provas contraditórias são a melhor forma de evitar cair na armadilha do capricho,

pergunte a si mesmo:

- o que conta como prova total?
- o que conta como prova fiável? (Quantas fontes? Quais os tipos de fontes)?
- o que poderia invalidar/ desmentir as minhas evidências? Será que poderei lidar com isto durante a minha investigação?
- quais as peças de evidências vão exigir uma verificação mais cuidadosa e pormenorizada?

Cuidado com a noção de 'prova' Por vezes, é possível provar uma hipótese na sua totalidade. Outras vezes, consegue apenas reunir evidências suficientes para demonstrar a probabilidade de a sua hipótese estar correcta. Isto é muito semelhante à situação legal em que as acusações no foro penal requerem provas 'acima de qualquer dúvida razoável', e as acusações no foro cível requerem apenas uma 'ponderação de probabilidades'. (Observe que, até nos processos penais, não é necessário apresentar provas 'sem sombra de dúvida' – porque isto é quase impossível!!) Consulte mais informação sobre provas no Capítulo 7.

Desde que esclareça no seu texto final que está a apresentar uma prova ou uma probabilidade, a reportagem pode ser publicada, mesmo que não possua provas inequívocas. Mas terá de ter cuidado com a forma como redige o texto, cujo assunto será igualmente debatido no Capítulo 7.

Tipo de fonte	Utilidade	Potências	Possíveis problemas
Humana	<ul style="list-style-type: none"> • Concede vida e autenticidade à história 	<ul style="list-style-type: none"> • As entrevistas não requerem recursos de alta tecnologia • Os relatos das experiências em primeira-mão tornam o artigo convincente – fontes primárias 	<ul style="list-style-type: none"> • As pessoas alimentam preconceitos, ideias preconcebidas etc. – e podem mentir. • Podem providenciar apenas evidências subjectivas • Há que assegurar a representatividade dos entrevistados • As pessoas podem sofrer represálias por falarem com os media – como poderá protegê-las?
Documental	<ul style="list-style-type: none"> • Providencia evidências sólidas • Providencia historial e contexto 	<ul style="list-style-type: none"> • A pesquisa dos antecedentes através de fontes secundárias transcende o que é possível fazer pessoalmente • As fontes documentais primárias (ex. extractos bancários) estão ‘registadas’ e são fiáveis 	<ul style="list-style-type: none"> • Podem ser protegidas por leis de sigilo, anti-censura etc. • Acesso difícil ou lento • Pode necessitar de conhecimentos peritos para compreender ex. documentos financeiros • Podem produzir um texto ‘inerte’ ou excessivamente académico sem qualquer voz viva • Cuidado com o uso exclusivo de fontes secundárias
Digital	<ul style="list-style-type: none"> • Pode fazer tudo o que acima foi mencionado, dependendo daquilo que se obtenha 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode ‘fazer tudo’ a partir do seu computador, incluindo aceder a som e vídeo • A informação é colocada na internet de forma rápida e a partir de uma enorme gama de fontes nacionais e internacionais 	<ul style="list-style-type: none"> • Pode produzir uma reportagem inerte • Necessita de electricidade, competências técnicas e acesso a uma rede • Deve-se ter bons processos de verificação – cuidado para não ser induzido em erro ou ‘tramado’

Planeando a investigação: **metodologia**

Existe a tendência de associar esta expressão às actividades académicas, mas significa apenas: como devo fazer a investigação? A partir do universo de técnicas disponíveis, deve planear a melhor combinação de consulta documental, entrevistas ao vivo, visitas e observação no terreno e outras técnicas. Tem de decidir quais as fontes que vai utilizar, quanto tempo deve dedicar a cada uma, quais os procedimentos de verificação cruzada necessários e quais as diferentes fases do trabalho.

O que procura são evidências para substanciar (dar peso) a sua hipótese.

Pode atingir isto **indirectamente**, criando uma imagem do contexto, pano de fundo, antecedentes, ou ambiente em que certas coisas têm mais probabilidade de acontecer. Derek Forbes, professor de jornalismo descreve este processo da seguinte forma: “Assim como um puzzle, esta parte do seu planeamento terá mais êxito se começar com dados circundantes antes de trabalhar com a imagem no centro.”

Mas para ser mais convincente, deve fazê-lo **directamente**, obtendo evidências relevantes das suas fontes.

Tenha sempre um Plano B

Uma parte importante do planeamento da metodologia é de pensar nos eventuais **obstáculos** que pode vir a enfrentar. Suponhamos que não consegue obter acesso a um documento específico, ou que uma fonte importante se recusa a falar consigo? Qual é o seu Plano B? Como é que pode reunir evidências alternativas que irão providenciar confirmação ou provas de igual valor?

Lembre-se que a metodologia deve considerar o trabalho em equipa. Será que terá de trabalhar com peritos? Um fotógrafo? Um advogado? Como pretende introduzir estes processos de colaboração para que os mesmos tenham tempo suficiente para produzir resultados?

Planeando a investigação: **elaborando um calendário**

Deve decidir sobre a metodologia antes de elaborar um calendário para a sua investigação e o seu orçamento. O calendário é a sua estimativa do tempo que a investigação vai levar: quantas horas vai passar nos arquivos, a fazer entrevistas, na Internet ou a escrever.

Para além do tempo que demora na realização das várias tarefas, outros dois factores importantes na elaboração do calendário são os prazos e a concorrência. Deve estar ciente dos prazos de publicação. Se a reportagem já tiver sido comissionada ou agendada, trabalhe de trás para a frente a começar pela data de entrega, e tente corresponder o tempo de que necessita com o tempo que tem na realidade. Se isto não for possível, procure negociar. Se, por outro lado, estiver a apresentar uma pauta ao seu redactor, trabalhe para diante a partir do seu ponto de início, de modo a que a sua pauta (ver abaixo) indique a edição para a qual está prevista a publicação. Também aqui, a negociação faz normalmente parte deste processo – mas se tiver elaborado um calendário, estará em condições de apresentar um argumento fundamentado para obter o tempo de que necessita, sem parecer um simples repórter ineficiente e vagaroso.

Se a reportagem disser respeito a um assunto 'quente' de interesse público, é possível que a concorrência esteja também a investigá-lo. Se tiver conhecimento disto, poderá ser necessário acelerar o trabalho para o publicar primeiro. A reportagem de investigação não deve ser feita à pressa nem executada de maneira imperfeita: é assim que começam as acções de difamação. Mas com um calendário à frente, poderá decidir em que altura é que algo de coerente e de valor poderá ser publicado, mesmo que não seja ainda a investigação completa.

Planeando a investigação: **elaborando um orçamento**

A outra estimativa importante para um plano de projecto é o orçamento. Quanto é que a investigação irá custar em termos financeiros e materiais? Os elementos que devem ser considerados ao elaborar um orçamento incluem:

- Deslocações (distâncias/gasolina/despesas de transporte)
- Hospedagem e refeições (Haverá necessidade de passar algum tempo fora do escritório? Haverá necessidade de providenciar hospedagem modesta para as fontes de informação?)
- Honorários para peritagens, tradutores, copistas ou prestadores de serviços
- Honorários para aconselhamento legal
- Taxas para consultar arquivos ou registos ou para obter cópias autenticadas de documentos
- Custos de comunicações (telefone, telefax, internet)
- Custos fotográficos
- Serviço de fotocópia

Exercício 3

Elaboração de orçamentos

A elaboração de orçamentos levanta uma pergunta de carácter deontológico: será que as fontes de informação devem ser remuneradas ou que os subornos são aceitáveis para a obtenção de informação? Uma abordagem genérica para as decisões deontológicas é apresentada no Capítulo 8, mas agora, durante alguns instantes, analise a sua opinião sobre este assunto.

A maioria dos jornalistas concorda que não é boa ideia remunerar as fontes de informação. A atracção da remuneração pode incentivar mentiras e exageros, a remuneração pode mais tarde ser utilizada para desmentir ou inviabilizar as evidências: "Eu disse isso apenas porque me ofereceram dinheiro." E o facto de que está preparado a pagar pelas histórias não é uma reflexão positiva da ética do seu jornal ou das suas competências de investigação.

Por vezes, em circunstâncias excepcionais, um jornal pode recompensar uma fonte de informação pela perda de tempo durante a entrevista ou por despesas de deslocamento ou outros custos. Mas mesmo nesta situação, é importante que ambas as partes reconheçam a justificação pela remuneração, que deve ser uma quantia baixa, 'normal' pelas despesas em questão. (Deve lembrar às fontes de informação que, na verdade, ao providenciarem a informação, não estão a fazer um favor a si nem ao seu jornal: estão a ajudar a comunidade ou sociedade afectada em geral).

Subornar um funcionário para obter acesso é de igual modo desonroso. Mas em algumas comunidades, os funcionários têm desenvolvido uma cultura de exigirem pequenos favores ('uma gasosa') pela ajuda que prestam – incluindo abrirem os seus escritórios de manhã! Neste tipo de situação, talvez não consiga trabalhar sem untar as mãos da burocracia. No entanto, pode comprometer a sua investigação toda através destes pagamentos banais. Por muito pequenos e rotineiros que sejam, não passam de 'subornos' se os funcionários revelarem aos seus superiores ou à comunicação social adversária, que foram pagos. Necessita de um processo para a tomada de decisões para lidar com estas exigências: considere cada situação caso a caso. Será que pode ser justificado (em especial aos seus leitores) se mais tarde for contestado? É sempre melhor tentar garantir a cooperação explicando a importância do seu trabalho criando aliados.

Exercício 3

Elaboração de orçamentos (cont.)

Suponhamos que o seu jornal não tem os recursos financeiros necessários para a investigação?

Muitos órgãos de comunicação social de pequena escala em África sofrem de escassez de recursos financeiros. O tipo de investimento que os jornais principais dos Estados Unidos fazem em projectos de investigação, seria suficiente para manter um jornal em operação durante um ano. Nestas circunstâncias, tem de aplicar criatividade para identificar outras fontes de apoio. Um bom ponto de partida são as organizações doadoras internacionais. Muitas vezes, têm áreas de interesse que coincidem com a sua investigação. O FAIR possui um fundo de apoio (embora, infelizmente, bastante reduzido) para projectos de jornalismo de investigação: consulte o site do FAIR. Na África do Sul, o Fundo *Taco Kuiper* concede apoios de investigação a jornalistas de investigação locais mercedores.

Financiamento de Jornalismo de Investigação?

Um jornalista independente no Congo (* *que prefere permanecer anónimo*) estava interessado nas operações de grandes empresas de exploração de florestas. Ele não possuía os recursos necessários para a investigação, e alguns dos jornais que contactou tinham certas hesitações em ofender 'os grandes', se investigassem aquela indústria. Por fim, ele encontrou uma organização doadora europeia com interesses na exploração de recursos em geral – e também na formação de jornalistas. Ele conseguiu obter um subsídio de investigação dessa organização ao ampliar um pouco o alcance da sua investigação, e também ao desenvolver uma metodologia que passava pela mentoria de outros jornalistas com quem podia colaborar.

Mas esta abordagem apresenta alguns riscos. É importante salvaguardar a sua liberdade de operação e manter as suas prioridades e o foco que o levou à investigação em primeiro lugar. Senão, poderá encontrar-se a satisfazer as prioridades dos outros – ou a ser acusado de tal quando a investigação for publicada. Deve ter a certeza de que qualquer contrato que venha a celebrar com um doador, salvaguarda a sua própria "independência editorial".

Promovendo o seu projecto de investigação

Se a sua publicação ou estação já lhe destinou uma matéria, todo o processo de planeamento que acabámos de descrever insere-se na primeira fase do seu processo de trabalho. Mas se for um jornalista independente, o planeamento providencia a informação de que necessita para apresentar uma pauta convincente a um redactor.

A pauta consiste numa pequena apresentação que explica o conteúdo daquilo que pretende investigar e tenta convencer o redactor a apoiar e publicá-la. Deve conter os seguintes elementos:

- o esboço revisto do texto
- a razão do artigo ser ideal para o jornal / leitores específicos
- pequeno resumo da abordagem e metodologia
- calendário
- orçamento.

Alguns jornais também exigem que o jornalista contribua para o debate sobre a forma como o jornal deve apresentar a reportagem – imagens, gráficos, etc. – enquanto que outros deixam estas questões para os editores e técnicos de concepção.

Exercício 4**Pautas**

Analise as duas pautas que se seguem. Na sua opinião, são convincentes? Se não, como podem ser melhoradas?

A “Muitas pessoas têm falado sobre a forma como os padrões de condução têm baixado no nosso país e que isto é devido à corrupção na emissão das cartas de condução. Falei com um homem que disse ter comprado a sua licença. Penso que se passar algum tempo na repartição das cartas de condução, poderei apurar aquilo que se passa e talvez até possa fingir que tenho um suborno para oferecer. Se pudesse ter uma câmara escondida, isso seria o ideal. Talvez possa conseguir isto tudo em pouco mais do que uma semana.”

B “O irmão de um amigo teve recentemente uma experiência muito má numa escola de circuncisão. O cirurgião tradicional não tomava bem conta das pessoas e o rapaz teve de ir para o hospital a sofrer de fome e exposição. Depois, veio-se a saber que o organizador da escola também não tinha uma licença. Penso que esta seria uma boa matéria para o nosso jornal porque agora é a época das circuncisões e o povo aqui segue as tradições. Têm de ser alertados para o perigo. Se eu começar com o artigo do rapaz, posso depois investigar a questão do perigo das escolas de iniciação ilícitas que violam os costumes tradicionais e a lei. Vou falar com as autoridades tradicionais, médicas e legais e vou consultar os registos hospitalares para obter alguns números em relação à dimensão do problema. Tenho de me deslocar a uma aldeia tradicional para me encontrar com iniciandos que regressam de escolas reconhecidas – essa despesa será apenas de combustível, pois posso ficar hospedado na casa da minha tia. Penso que consigo finalizar a reportagem dentro de uma semana.

COMENTÁRIOS:

B *é quase uma pauta modelo. É curta – mas não ao ponto de omitir informação importante. O redactor fica com uma noção clara da hipótese que pretende examinar, as fontes de informação, a metodologia, os custos e o calendário, bem como da fundamentação do artigo.*

A *contrariamente a B, revela um trabalho descuidado. Começa com evidências pessoais e subjectivas para um plano de ‘investigação clandestina’ sem qualquer confirmação, verificação, e sem qualquer consideração dos princípios deontológicos. O calendário parece ter sido adivinhado. Este jornalista tem de tentar aprimorar a sua hipótese e elaborar um plano passo a passo para a obtenção de provas de que:*

- os padrões de condução estão a baixar
- os condutores sem carta estão envolvidos em muitos acidentes
- estes condutores sem carta obtiveram as suas cartas de condução por intermédio de subornos.

Se este contexto for estabelecido de forma sólida, talvez seja proveitoso preparar uma armadilha num dos escritórios que tenham sido apontados como envolvidos na corrupção. Mas a ética deste procedimento ainda tem de ser bem analisada, no caso de existirem outros meios mais lícitos para se obter a mesma informação.

Como funciona na prática?

Planeando a investigação: **fazendo uma boa investigação dentro do prazo**

(Seguimos agora uma investigação imaginária desde o seu começo até à publicação, estudando os processos de tomada de decisões e as actividades de reportagem em cada fase.)

IER**Onde começar? Qual é a sua estratégia?****responder**

Trabalha para um jornal semanal de investigação. O redactor chama-o ao seu gabinete e diz-lhe que acaba de receber uma chamada. “Uma ONG numa zona rural afirma que os trabalhadores agrícolas estão a ser expulsos pelas grandes companhias agrícolas e têm receio de denunciar esta prática. O governo provincial não faz nada, dizem eles. Isto parece ser o nosso tipo de matéria; podemos exercer pressão sobre as autoridades para pararem com as expulsões. Aqui está o nome do nosso informador. Comece já a trabalhar nisto. Preciso desta reportagem para a página 3 da semana que vem...” Você tem um semana. Como começar? Durante alguns minutos, planeie a sua estratégia. **Faça apontamentos antes de prosseguir com a sua leitura.**

Planeando a investigação: **o fundamento da estratégia**

Talvez preveja fazer alguma leitura sobre direitos de propriedade ou da empresa em apreço. Ambas são boas ideias – mas a estratégia de investigação tem sempre de se basear em:

- Uma compreensão clara daquilo que tem de ser feito
- Ser contrabalançada por um reconhecimento realista dos recursos – incluindo o tempo – que tem ao seu dispor
- E uma hipótese que a sua investigação possa confirmar ou desmentir.

O seu redactor apresentou-lhe a seguinte hipótese para investigação:

HIPÓTESE: “As grandes empresas agrícolas estão a expulsar e a ameaçar os trabalhadores nas fazendas e o governo provincial recusa-se a ajudar.”

Planeando a investigação:

os fundamentos da investigação e da entrevista

Na verdade, não tem tempo para se especializar em todos os aspectos relacionados com direitos de propriedade e problemas afins. É bastante desanimador pensar que os jornalistas devem saber tudo. Na verdade, um bom jornalista deve desenvolver uma competência diferente: a de saber descobrir o que for necessário. Assim, a primeira fase exige que o jornalista identifique os melhores recursos para o ajudar. Tem de procurar pessoas com conhecimentos profundos de questões relacionadas com a posse de terras e respectivos direitos.

Em primeiro lugar, deve obviamente falar com a pessoa que fez o telefonema para obter mais informação sobre o sucedido. Esta pessoa trabalha para uma organização na área – como tal, deve tomar em consideração o facto que as suas opiniões sejam tendenciosas. Muitas pessoas telefonam para os jornais porque ‘têm interesses pessoais a defender’.

Durante alguns minutos, reflecta sobre as vantagens e as desvantagens de utilizar fontes tendenciosas de informação:

O que fazer a respeito das fontes tendenciosas?

As fontes tendenciosas podem ser muito úteis. Muitas vezes conhecem a matéria a fundo, e providenciam perguntas fortes para fazer ao adversário. Mas deve lembrar-se de que a informação é fornecida por apenas uma das partes envolvida e terá de ser sujeita a uma verificação cruzada. E os representantes das organizações falam muitas vezes em nome de grupos de pessoas muito maiores; quando fazem um resumo dos pareceres dos grupos, podem organizar e editar as opiniões da comunidade de forma a alterar ou excluir aspectos importantes – por vezes até involuntariamente.

Por isso, deve reflectir sobre os eventuais preconceitos e ler, entrevistar e investigar amplamente para poder contextualizar as afirmações do informador.

Depois de obter mais pormenores do informador inicial, pode utilizar os apontamentos dessa conversa para começar a planear as suas primeiras linhas de investigação.

- Comece com os seus contactos pessoais, ou colegas jornalistas que cobrem a mesma zona rural, a terra, os trabalhadores (trabalhadores agrícolas), o ambiente e o comércio agrícola. Entre outras fontes de informação que deve contactar telefonicamente, são os departamentos universitários e as bibliotecas (incluindo o próprio arquivo do seu jornal). Trabalhe de dentro para fora, a partir das fontes de informação que conhece para identificar as que ainda não conhece.
- Em seguida, deve fazer uso do telefone. A lista telefónica tornar-se-á o seu livro de consulta mais importante: se tudo o mais falhar, poderá procurar a pessoa certa contactando cada inscrição no livro que contenha o mesmo apelido ou palavra-chave. Telefone a cada fonte pertinente possível e imaginária. Se não encontrar nenhuma, utilize a lista telefónica (ou actualmente, a Internet) para procurar as organizações que possuem “terras” em seus nomes.
- A sua investigação poderá produzir resultados complexos ou até contraditórios sobre a identidade das melhores fontes de informação. Por essa razão, é sempre vantajoso utilizar o princípio de ‘duas fontes de informação’ mesmo para identificar as fontes. Verifique-as mais do que uma vez: através da lista telefónica e do Google, ou por intermédio de um colega com conhecimentos da matéria. O Capítulo 6 contém mais informação sobre estas técnicas.

Pergunte aos seus contactos:

- Costuma lidar com / possui informação sobre...?
- Quem é que é a pessoa mais indicada na sua organização para me informar acerca de ...?
- Tem conhecimento de alguma coisa (relatórios, artigos, livros) publicada sobre...?
- Pode sugerir mais alguém com quem seria útil conversar...?

Faça sempre apontamentos destas conversas. Adicione contactos ao seu livro de contactos para utilizar no futuro. Elabore uma ‘árvore de contactos’, empregando a estratégia de ‘trabalhar de dentro para fora’ até encontrar as pessoas de que necessita.

Repare que ainda não mencionámos fontes governamentais. Porém, é imprescindível que obtenha os pareceres oficiais. Mas convém estar bem informado para fazer as devidas perguntas, pelo que esta primeira fase de investigação talvez não seja a melhor altura de efectuar uma entrevista oficial. Também, poderá perder tempo demasiado tentando marcar uma entrevista com alguém que – uma vez aprimorada a sua investigação – talvez até não seja a pessoa certa! O melhor, nesta fase, é conseguir que um funcionário público converse consigo confidencial ou informalmente. Tem sempre a opção de voltar atrás para obter uma confirmação formal.

Deve observar as regras de fundo das conversações informais com as fontes de informação!

Por vezes, tanto o entrevistador como o entrevistado desconhecem o propósito das entrevistas ‘informais’, o que pode vir a causar problemas no futuro. Por isso, se houver qualquer equívoco, é conveniente perguntar: “Esta conversa é *off the record* ou não?”

- ‘*On the record*’ significa que pode utilizar tudo quanto lhe seja dito.
- ‘*Off the record*’ significa que pode utilizar a informação, mas de modo a que a sua fonte não possa ser identificada.

- ‘Apenas pano de fundo’ significa não utilizar de forma alguma; apenas para fins de compreensão de contexto.

Se desejar confirmar informação *off the record* ou apenas de pano de fundo, consulte alguém e (sem revelar a sua fonte), peça-lhe para confirmar a veracidade da informação e que o faça de forma explícita, ou *on the record*. Deve informar a sua fonte que vai procurar confirmar a informação. E depois de obter a respectiva confirmação, mantenha o sigilo. A sua fonte pode correr o risco de ser identificada: ser despedida, processada, deportada, apreendida ou até assassinada.

Estas convenções relativas às conversas *on the record* e *off the record* não estão consagradas na lei; tratam-se apenas de acordos convencionados entre os jornalistas e as suas fontes. Mas poder-lhe-á ser exigido revelar os seus métodos, se uma matéria objecto de investigação levantar polémica. E se violar estas convenções, é bem possível que – na melhor das hipóteses – venha a perder as suas fontes de informação e ganhar a fama de ser desonesto. Na pior das hipóteses, a sua fonte pode sofrer verdadeiros prejuízos. Saiba mais sobre estas questões nos capítulos 5 e 8.

E depois?

As chamadas telefónicas devem ter fornecido mais nomes e contactos a seguir, juntamente com listas de material de referência. Isto pode incluir material ‘cinzento’ – material que tenha uma vasta circulação mas que não tenha sido oficialmente publicado (ex. estudos realizados por organizações privadas, dissertações) ou que seja oficialmente confidencial.

Já localizou oito possíveis contactos telefónicos que talvez estejam preparados a conversar consigo. Um dos contactos parece ser a maior especialista em direitos de propriedade rural da zona, mas não responde às suas mensagens. Na verdade, sente-se paralisado até ela o contactar.

IER

Como passaria o seu dia?

responder

Através da Internet e dos arquivos do seu jornal, já encontrou dezenas de artigos jornalísticos sobre as expulsões de trabalhadores agrícolas, dois estudos de caso de ONGs sobre direitos de propriedade na zona rural em apreço, e uma dissertação de pós-graduação sobre a reforma da lei da terra no país.

Amanhã, desloca-se ao campo com um fotógrafo. Como deve passar o dia? **Durante alguns minutos, aponte a sua resposta antes de prosseguir com a leitura:**

Talvez sinta que deva ler o mais possível sobre o assunto, mas esta nem sempre é a melhor estratégia. A leitura é vagarosa – sobretudo se fizer pesquisas na internet – e poderá ter identificado não apenas algumas referências pertinentes mas centenas delas. Pode passar a noite inteira a ler e não terminar, sem ter tempo para fazer sentido daquilo que leu.

Depois de compreender melhor o assunto, a maior parte da leitura que tenha localizado pode ser irrelevante. Nesta fase inicial, deve fazer apenas uma leitura superficial da informação mais ampla e de fundo – neste caso, provavelmente os artigos de jornal. Certifique-se de que a sua pesquisa na Internet não tenha sido demasiadamente ampla (se colocar umas “...” à volta das palavras-chave, obterá apenas os artigos que as incluam todas). Adicione aos Favoritos quaisquer referências na Internet que sejam interessantes, para que não perca muito tempo a procurá-las mais tarde.

Não perca tempo com a especialista elusiva. Contacte o maior número de pessoas na sua lista telefónica que puder.

Volte a contactar as pessoas com quem tenha falado no princípio e coloque-lhes as perguntas que lhe tenham vindo à mente posteriormente.

Nesta fase, deve fazer uma procura **ampla** por oposição a **profunda**.

- Prepare um mini calendário antecipadamente, começando pela data prazo, de trás para a frente. Decida quão é importante o segmento da investigação que está a realizar, e quanto tempo pode passar com cada um. Nunca perca tempo adicional a procurar uma pessoa, um documento ou uma estatística elusiva – procure outra forma de obter aquilo de que necessita, ou qualquer outra informação que seja apropriada.
- Planeie as suas perguntas para as entrevistas telefónicas e de acompanhamento, com base nas suas descobertas. Ao obter novos dados, procure conhecer em mais pormenor o que se passa, o que se alega e quem podem ser os culpados. Deve estar em condições de substituir expressões gerais e abstractas como “corrupção” ou “injustiça” por alegações concretas e específicas que X fez ou não fez contra Y a Z.
- E comece por se colocar na situação das pessoas com quem fala. Quais as suas agendas, motivos, esperanças e receios? Assim pode obter uma melhor perspectiva daquilo que lhe contam.

Já efectuou uma leitura superficial e fez várias entrevistas telefónicas interessantes. Já visitou o distrito e testemunhou a situação. Descobriu o seguinte:

- As expulsões ocorrem apenas num dos distritos. E as quatro famílias em questão falaram dos seus problemas com muita franqueza. Num dos artigos do jornal da comunidade, elas acusavam um funcionário público do distrito, Job Nkomo, de ser preguiçoso e de não atender às suas queixas. Repetiram esta acusação quando falou com elas.
- A empresa comercial agrícola em apreço TEM vindo a adquirir terras e a tentar afastar os pequenos lavradores das mesmas. Mas tem utilizado processos legais e não violou quaisquer leis. O seu assessor jurídico confirma que a empresa não violou quaisquer regras. E noutros sítios da província, registaram-se pelo menos uma dezena de casos de expulsões que estão a ser contestados com sucesso. O governo provincial tem sido bastante activo em publicar os direitos à terra, e têm sido afixados cartazes em quase todos os lugares – embora você não tenha visto nenhum no distrito onde as expulsões ocorrem.
- A ONG que apresentou a queixa foi criada há apenas 3 meses e ainda se encontra na fase de tentar angariar fundos para si própria. Para além de ter aberto um pequeno escritório, a advocacia em defesa das famílias expulsas é a única acção que empreendeu até à data. Por isso, a agenda da ONG, embora sã, revela elementos de querer dar-se a conhecer..?

Voltando ao seu resumo (“Isto parece ser o nosso tipo de matéria; podemos exercer pressão sobre as autoridades para porem termo às expulsões”), será que pode agora prosseguir com a reportagem? E quais devem ser os passos seguintes? Durante alguns minutos, decida qual será a sua resposta antes de prosseguir com a leitura:

- Sim, ainda merece uma reportagem. Mas uma que assume contornos diferentes: que se limita a uma pequena zona que ficou omissa no trabalho da província de divulgação dos direitos à terra – talvez por causa da grave negligência de um funcionário do distrito. A agenda da ONG é de se estabelecer como representante da comunidade, mas as suas declarações são pouco relevantes; existem citações melhores dos próprios habitantes locais. Até já pode vislumbrar a nova manchete: “A terra que caiu no esquecimento da lei”.
- A sua hipótese sofreu alterações. Nunca hesite em definir novamente a sua reportagem à luz de novas informações! A flexibilidade é um dos princípios mais importantes para efectuar uma boa investigação. Não se prenda demasiadamente à ideia original nem tente adaptar forçosamente os novos dados.

Planeando a investigação:

desde a pesquisa até à composição do texto – os passos seguintes

Informe o seu redactor dos acontecimentos. Talvez ele tenha de identificar um novo espaço ou colocar esta reportagem diferente noutra página. DEVE fazer isto o mais cedo possível.

Agora chegou ao momento de aprofundar a sua pesquisa e descartar aquilo que é irrelevante. É bem provável que a maior parte da leitura volte para a prateleira, excepto aquilo que trata deste distrito em particular. E os seus apontamentos sobre a situação geral na província podem ter perdido a sua utilidade.

É difícil descartar o trabalho empreendido. Mas deve fazê-lo. Arquive os seus apontamentos ultrapassados: podem vir a ter utilidade numa outra investigação no futuro.

Agora pode procurar algum comentário oficial significativo.

- Confronte o Sr. Nkomo com as acusações contra ele. Pergunte às repartições provinciais (e/ou nacionais) responsáveis pela questão da terra se as suas políticas devem ser aplicadas em todos os sítios e quais as suas opiniões no que se refere às áreas que a nova lei não tem tocado.

- Deverá, também, voltar aos seus contactos e referências mais interessantes para procurar saber se existe algo na história daquele distrito que tenha levado a que fosse tão negligenciado, e para fazer outras perguntas relevantes.
- O que procura é uma sequência de eventos e/ou cadeia de evidências que ligue a inacção do funcionário distrital às expulsões das quatro famílias. Seria útil se identificasse a disposição legal que foi violada, ou a acção que devia ter sido empreendida mas não foi. Novamente, precisa de evidências específicas e concretas para substituir as acusações abstractas como 'preguiça' que as pessoas têm levantado contra o Sr. Nkomo. E deve aprofundar os seus conhecimentos acerca do Sr. Nkomo e das suas acções, se for ele o seu foco. O que o jornalista não quer é um processo de difamação – mas também não quer omitir quaisquer aspectos que tenham que ver com a má conduta do Sr. Nkomo.
- Converse com o seu redactor sobre o risco de difamação. O redactor poderá querer reencaminhar o artigo final a um advogado para obter os pareceres deste.
- Elimine tudo que não possa confirmar. Procure aspectos incompatíveis nos seus apontamentos – será que podem ser harmonizados? E o que dizem as suas fontes 'tendenciosas' sobre tudo isto? Procure obter comentários *on the record*. Confirme, faça uma verificação cruzada e verifique novamente.
 - É muito raro encontrar provas concretas – o chamado '*smoking gun*'. É disso mesmo que procura: a prova documental de que o Sr. Nkomo não reagiu ao apelo: por exemplo, um memorando dele afirmando que o problema não existe. Mas
 - poderá não ter tempo nem recursos para as encontrar (Lembre-se, agora esta é uma reportagem de menor envergadura sobre a negligência do governo local, e não uma reportagem de grande impacto sobre a indústria agrícola multinacional. Continua a ter mérito, mas é provável que não lhe sejam atribuídos os mesmos recursos.)
 - para as encontrar deverão ser empreendidas acções (como a busca a um escritório) ilegais e /ou inaceitáveis em termos de ética.
 - pode não existir!
- você pode desenvolver um caso quase tão convincente pelo peso das evidências: por exemplo, uma linha de tempo pormenorizada do que se passou, o que devia ter sido feito, e a falta do Sr. Nkomo em comunicar; tudo fundamentado, em cada fase, pelos factos e pelos comentários pertinentes dos protagonistas e peritos.

Agora já pode iniciar a sua composição...

Eis as fases básicas da investigação:

1. Definir a questão inicial
2. Desenvolver contactos
3. Efectuar uma pesquisa ampla
4. Reflectir novamente sobre a questão. Redefini-la ou reformulá-la completamente se os factos revelarem um ângulo ou história diferente
5. Eliminar material irrelevante
6. Efectuar uma pesquisa mais profunda e minuciosa (incluindo o retrocesso)
7. Planear e compor o artigo.

As duas fases de definição da questão são muito importantes. O artigo não existe até o tema estar dotado de um ângulo e um foco. E se não conseguir obter respostas, talvez esteja a fazer as perguntas erradas.

Planeando a investigação: **a pesquisa com limite de tempo**

Já analisámos o exemplo do artigo extenso elaborado ao longo de alguns dias; agora vamos nos debruçar sobre cada fase do processo de forma pormenorizada. Mas o que é que acontece quando tentamos investigar duas matérias em meio dia antes do fim de prazo do jornal diário? Os mesmos princípios são válidos – foi por isso que analisámos o exemplo de uma semana.

A tentação é de diminuir o tempo de planeamento, e entrar rapidamente na investigação. Isso é um erro. A boa investigação – independentemente do tempo que lhe for atribuído – exige um bom planeamento, sobretudo quando o tempo o obriga a limitar-se a menos fontes e a menos perguntas. Deve certificar-se de que utiliza o seu tempo prudentemente; fazendo as perguntas certas às fontes correctas. Quando se trabalha com limites de tempo, as fases da pesquisa não alteram:

- ✓ Definir aquilo de que procura. Gaste mais tempo nesta fase, classificando as prioridades, para que se tiver apenas tempo para efectuar uma pequena investigação, o mesmo ser relevante. Confirme com o redactor qual o tamanho do artigo e qual o ângulo que o jornal procura.
- ✓ Pesquisar de forma ampla. Poderá ter de se contentar com um parecer encontrado na Internet e contactos de dois telefonemas em lugar de uma dúzia. Mas é sempre importante verificar se tem realmente um artigo, e que o seu valor condiz com a importância que lhe atribuiu.

- ✓ Redefinir. Será que o ângulo do artigo se mantém válido? Então comece com a sua composição. Utilize a fase de pesquisa minuciosa para simplesmente confirmar os factos mais importantes. E não se esqueça de dois pontos importantes:

Algumas reportagens não necessitam de uma investigação profunda – certifique-se de que o artigo merece o esforço (e consulte). Algumas exigem apenas de uma recolha cuidadosa dos factos e de uma composição clara. Em especial para as secções do jornal que consistem em peças breves e ‘incitativas’. Mesmo assim, deve certificar-se de que a peça tem mérito e que vale a pena; daí, poderá prosseguir com a elaboração do texto.

E algumas histórias são simplesmente demasiadamente importantes e/ou complexas para serem preparadas em duas horas. Não hesite em apresentar os seus receios ao seu redactor se achar que necessita de mais tempo e de fazer uma pesquisa mais profunda. Mas não utilize este pretexto para encobrir um trabalho mal feito. Terá de ter completado as fases de investigação inicial e ter em sua posse factos e motivos fortes se quiser pedir mais tempo. E poderá haver lugar a um meio-termo, onde apresenta factos de última hora a tempo, mas planeia desenvolver um trabalho de fundo ou uma peça com um contexto mais amplo durante a semana.

Estudos de caso

Estudo
de caso:

Investigação transnacional do FAIR

Estudo de Caso de Investigação Transnacional do FAIR sobre a disponibilidade de medicamentos em África

O que o FAIR se propôs fazer

As investigações transnacionais têm sido realizadas com sucesso pelo Fórum dos Jornalistas de Investigação Africanos (FAIR) e também por redes de jornalistas na América do Sul e nos Balcãs. Tais investigações têm produzido resultados impressionantes, desde a identificação dos promotores do negócio internacional de armas à definição dos problemas da privatização do abastecimento de água.

Desde o começo, o FAIR reconheceu a importância de efectuar investigações transnacionais em África. As forças internacionais, como empresas multinacionais, instituições financeiras internacionais, ajuda pública e crime internacional, afectam todos os países deste continente. Em África, os países partilham problemas semelhantes, desde conflitos e guerras civis à pobreza e fracas infra-estruturas públicas. O parecer do FAIR é que, por esta razão, as questões africanas devem, na medida do possível, ser investigadas a nível transnacional, substituindo um foco local por um foco mais amplo. Uma investigação transnacional bem efectuada e publicitada, seria útil em colocar na agenda internacional uma questão importante que tivesse afectado toda a África. O FAIR achou que deveria ser pioneiro em tal projecto.

Iniciando o projecto

Foi apenas em 2007 que o FAIR conseguiu obter o financiamento para a sua primeira Investigação transnacional. Por essa altura, já tinha preparado uma estrutura para uma operação a ser realizada por uma equipa internacional e havia identificado um tema que reúne dois critérios: teria de ser verdadeiramente internacional (e por isso, de interesse para os doadores internacionais) e teria de ser de interesse para os africanos destinatários da comunicação social. O tema foi ‘A indústria farmacêutica e a falta de acesso a medicamentos em África’.

Estrutura de uma investigação transnacional

- 1 Definição dos objectivos, contributos e produtos da Investigação Transnacional
- 2 Processo:
 - Fase de iniciação: equipa, redactor, tema, pautas apropriadas
 - Fase de produção: a equipa trabalha em estreita ligação com o redactor
 - Encerramento: a obra é produzida, a informação arquivada
- 3 Metodologias de trabalho: esforço máximo associado à máxima mentoria pelos pares
- 4 Procedimento de controlo ético: em relação às fontes e ao público, bem como entre a própria equipa
- 5 Estratégia de publicação: tanto internacional como em relação aos órgãos de comunicação social africanos.

Elaborando um orçamento

A combinação dos objectivos, contributos e produtos constituirá o cerne da sua proposta. A escolha de um tema 'aliciante' também ajuda. É provável que os doadores que querem financiar projectos de investigação aceitem financiar um projecto que reúna todos os critérios relevantes (ver Escolha de Tema abaixo), desde que a sua metodologia esteja incluída na proposta e seja realista. No entanto, tenha cuidado com os doadores que tentam forçar as suas próprias prioridades – se não corresponderem às suas – e não perca tempo com doadores que sabe não estarem interessados em prestar apoio.

Despesas que devem ser orçamentadas:

- Uma oficina inicial onde a equipa toda se pode debruçar sobre o tema e elaborar uma lista clara de tarefas a empreender
- Um salário para o gerente do projecto (o gerente de projecto é um elemento muito importante; é a pessoa que assegura a participação adequada e relevante de todos os membros da equipa. E terá de fazer a composição de toda a informação, sem a qual não haverá dossier!)
- Conceber um formato, delineando em linhas claras o processo a seguir (como e quando os membros da equipa comunicam uns com os outros, quando, como e quantas vezes o gerente do projecto comunica com os membros, os processos de redacção, revisão, *feedback* e correcção em cada fase da apresentação dos resultados, resolução de problemas quando os resultados não se concretizam, como conseguir que todos concordem sobre os resultados finais; também, o relacionamento e o processo de tomada de decisões entre o gerente de projecto e a gerência da organização; celebração de contratos entre o gerente de projecto e a gerência da organização, e também entre esta última e os membros da equipa)
- Comunicação
- Algumas despesas para os membros da equipa e despesas do gerente de projecto (é importante definir o que é reembolsável ou não: a questão de pagamento a fontes de documentos pode ser aqui levantada)
- Visita ao terreno (de preferência duas, uma no início e outra mesmo antes do fim) pelo gerente de projecto às equipas em cada país participante, para rever /finalizar a hipótese (consoante o processo de investigação) e garantir que os pedidos elaborados pelas equipas sejam práticos e bem pormenorizados
- Verificação de gramática e ortografia, revisão, *layout*, tipografia
- Portes de correio.

Escolha do tema

Este deve ser:

- Definido por decisão colectiva
- Digno de ser noticiado
- Viável (deve ter uma boa ideia sobre a forma e o local onde encontrar informação sobre este tema)
- Relevante tanto para o público africano como internacional (o que deseja é que o tema faça manchete do *New York Times* para atrair doadores do ocidente para o seu próximo projecto – mas a relevância para o público africano é ainda mais importante, face à sua missão de jornalista de servir o seu público; por isso deve precaver-se contra os assuntos dos doadores em voga que talvez não tenham qualquer interesse para os habitantes da sua própria cidade)
- De interesse para os jornalistas incumbidos com a investigação do assunto, para criar estímulo e empenho – não deve ser um sacrifício (mais possível se o ponto 4 for satisfeito; há mais possibilidade de os jornalistas se interessarem por um assunto em que a comunidade/ o público tenha grande interesse também).

Tivemos um debate pelo *listserv* do FAIR e uma reunião especial do conselho directivo, onde se tornou bastante claro que o tema de falta de acesso a medicamentos reúne todas estas condições.

Progresso do trabalho

- O gerente de projecto participa num exercício de coerência. É realizada uma oficina em que todos os membros da equipa e o gerente de projecto se dedicam completamente ao tema. Todos compreendem o tema; existem algumas dúvidas? Como pode apresentar este tema? Uma nova análise das boas práticas de jornalismo de investigação nesta oficina é importante para determinar a qualidade do resultado final. O debate centrará também em torno das melhores práticas e elementos deontológicos. Será que devemos 'escutar' às portas, participar numa operação de infiltração, pagar pelos documentos ou não? Qual o interesse pessoal neste assunto como membros do público? É desenvolvida uma hipótese prática inicial e são elaboradas as listas de tarefas a completar em relação à informação de fundo e as fontes necessárias. Os contratos são celebrados entre os membros da equipa e a organização.
- Na visita ao terreno, a realizar algumas semanas depois de os membros da equipa iniciarem as suas actividades, o gerente de projecto analisa a situação em cada país participante e leva em conta os desafios que cada equipa enfrenta. Durante e depois da visita, o gerente de projecto determina a viabilidade do assunto e os objectivos exequíveis; a hipótese de trabalho é revista (se necessário, o que normalmente é); (novas) fontes de informação são identificadas e as listas de tarefas a completar, mais pormenorizadas e corrigidas, são comunicadas às equipas. O gerente de projecto responde ao coordenador.
- O gerente de projecto e o conselho directivo consultam e chegam a um acordo sobre a contribuição dos jornalistas nos vários países em relação ao assunto do projecto. O objectivo do gerente de projecto é de obter uma reportagem 'mínima' como resultado do projecto. Uma reportagem 'mínima' poderá pelo menos ampliar a opinião do público em muitos países sobre o assunto tratado antes da publicação do projecto como assunto local. O artigo comum identificará as peças do puzzle dos membros da equipa actuando nos vários países / locais, que no fim, irão formar uma reportagem em comum de relevância internacional.
- Depois de tomar os primeiros passos neste trajecto com o redactor, as equipas nos vários países continuam a trabalhar 'a sós'. Permanecerão em contacto uns com os outros e com o redactor através da lista de correio electrónico, enviando relatórios frequentes ao gerente de projecto sobre o progresso e, ainda de maior importância, sobre os contratemplos. É provável que aspectos como a falta de acesso a informação, a falta de verificação e a necessidade de aceder a peritagens a nível central, sejam aqui levantados.
- A pedido da equipa ou por iniciativa própria, o gerente de projecto comunicará os pareceres dos peritos e a informação às equipas que deles precisem. O gerente de projecto também providenciará informação actualizada às equipas sobre o progresso alcançado por outras equipas, de forma a criar sinergias. Uma equipa pode servir de exemplo ou de inspiração para outra; uma equipa com problemas pode beneficiar de conselhos de outra que possa já ter passado por problemas semelhantes.
- O arquivo da documentação (entrevistas, documentos adquiridos, relatórios) é efectuado constantemente no grupo de correio da internet da equipa, para depois ser elaborada uma base de dados dos materiais de base.
- O gerente de projecto decide COMO utilizar os produtos das diferentes equipas: incumbir cada equipa com a

- tarefa de elaborar o seu próprio relatório (isto funcionou bem na Investigação Transnacional do FAIR em 2007, mas o dossier apresentará estilos diferentes, a não ser que - como aconteceu na Investigação Transnacional do FAIR - o gerente de projecto o redija novamente e confira um novo estilo a todos os capítulos) ou reúna toda a informação num dossier escrito na sua totalidade pelo gerente de projecto, baseado nas diferentes propostas: estilo americano. O gerente de projecto comunica o seu plano conceptual do produto final às equipas e pede que lhe submetam comentários/ alterações.

Ética

- As tarefas devem estar bem definidas para evitar conflitos de interesse. Nos casos em que um membro da equipa seja também membro do conselho directivo, esse deve recusar-se a participar nas decisões do conselho sobre o progresso da Investigação Transnacional.
- Os membros da equipa receberão o respectivo guia das melhores práticas do website do FAIR e serão exortados a lerem o seu conteúdo e a apresentarem tudo o que seria difícil de cumprir na situação ou país específico em que operam.
- Juntamente com o redactor, o coordenador e o Conselho Directivo do FAIR, estes assuntos serão debatidos, sendo elaborada uma política de acção.
- A equipa opera dali em diante em conformidade com o guia das melhores práticas e a política desenvolvida.
- O redactor solicitará relatórios frequentes sobre objectivos atingidos e respectivos métodos utilizados. Informará o coordenador e o Conselho Directivo do FAIR se uma norma deontológica for violada por um membro da equipa. O Conselho Directivo do FAIR irá então debater o caso e implementar um (des)incentivo apropriado para evitar a repetição da mesma.

Que lições aprendeu e qual o conselho que daria aos outros?

Em primeiro lugar, a informação valiosa fica por vezes ocultada do jornalista individual e temos de estar preparados a lutar pela mesma como equipa. Isto é ilustrado pelo seguinte exemplo da Investigação Transnacional do FAIR em 2007:

Mantendo informações ocultas

No princípio da década 2000, uma empresa suspeita com antecedentes no negócio de armas, obteve um contrato lucrativo para armazenar, fabricar e fornecer medicamentos na Zâmbia. A Pharco devia até fornecer antiretrovirais (ARVs) no país: foi-lhe concedida uma licença de exclusividade em 2004.

O público da Zâmbia não tinha conhecimento de que a Pharco era a antiga GMR - uma empresa de mercenários e de negócio de armas. Se o público o soubesse, talvez tivesse questionado o facto de uma empresa ligada ao negócio de armas estar interessada em expandir para o comércio continental de pequenos comprimidos brancos. Mas os antecedentes da Pharco estavam bem ocultados por detrás de uma alteração da firma da empresa, um máquina excelente de relações públicas, oficialmente aprovada pelo governo. O povo da Zâmbia, doente e à beira da morte, acreditava sem reservas nos medicamentos localmente produzidos por esta empresa. Mas os medicamentos antiretrovirais não foram produzidos. Depois de ser confrontada pelo público para finalmente iniciar a produção de medicamentos antiretrovirais conforme prometido e não se poder esquivar mais, a empresa começou a culpar a Organização Mundial de Saúde: afirmava que a OMS tinha sabotado o fabrico de medicamentos antiretrovirais na Zâmbia, recusando a autorização de produção. A OMS não estava em posição para revelar a verdadeira actividade da Pharco e repetia apenas que as instalações de produção da Pharco não reuniam as condições necessárias - o que era verdade.

Entretanto, os diplomatas ocidentais, representantes dos doadores e funcionários públicos em Lusaka tinham conhecimento das actividades duvidosas da Pharco e da situação incrível em que o governo da Zâmbia se tinha deixado envolver. No entanto, ninguém se preocupava suficientemente com o povo da Zâmbia para

Mantendo informações ocultas (cont.)

falar com franqueza. A informação ficou oculta e todas as autoridades pareciam concordar que a Pharco tinha o direito de apontar o dedo à OMS.

Ninguém, nem até as autoridades internas ou externas na Holanda, por exemplo, permitiria a continuação de tal situação, onde os cidadãos morriam diariamente às centenas. Na Zâmbia, e em muitos outros países africanos, esta falta de respeito, negligência e descuido parece ser a forma normal como a 'elite' se relaciona com as 'massas'. Os jornalistas que se preocupam em informar as massas destas situações são confrontados por obstáculos – pressupondo que tenham suspeitas da situação.

No caso da Pharco, é possível que a situação nunca tivesse vindo ao decima se um consultor de saúde internacional (suficientemente importante para lhe ser confiada esta informação por alguns governantes da Zâmbia e da elite doadora) não tivesse informado os jornalistas no seu país de origem na Europa da ligação entre a Pharco e a GMR. Mais uma vez, esta informação não teria chegado aos ouvidos dos jornalistas no terreno na Zâmbia, se o FAIR não tivesse providenciado uma rede através da qual um destes jornalistas ocidentais pudesse contactar um colega da Zâmbia. E se os jornalistas na Zâmbia não tivessem investigado esta 'denúncia', a Pharco não teria sido confrontada e os documentos do governo da Zâmbia relacionados com o contrato da Pharco não teriam sido descobertos.

Mas ele fê-lo, e ela foi obrigada a fazê-lo, e eles conseguiram!

Em segundo lugar, os membros da equipa devem ter um conhecimento profundo das questões sob investigação e das correntes de pensamento a respeito do tema em apreço. A meio da Investigação Transnacional de 2007, a equipa do FAIR descobriu que alguns membros da equipa investigavam a ervanária como alternativa à escassez dos produtos farmacêuticos enquanto que a outra metade investigava a escassez de produtos farmacêuticos. Foi necessária uma intervenção para salvar a Investigação Transnacional. Teria sido melhor se os pressupostos divergentes dos membros da equipa e a desinformação em cada país participante, tivessem sido identificados como desafios logo de início.

Em terceiro lugar, a equipa deve conhecer a sua própria atitude em relação ao tema em apreço. Durante a investigação de 2007 sobre a falta de acesso a medicamentos, um dos membros da equipa ficou gravemente doente; outro morreu pouco tempo depois de entregar o seu relatório e vários membros da equipa esforçavam-se por ajudar familiares e amigos doentes. Isto levou a que a equipa expressasse o 'interesse pessoal' na introdução do relatório da Investigação Transnacional.

Em último lugar, se o resultado for bom, e houver uma estratégia de publicação, a comunicação social em vários países publicará o artigo (podendo haver até boas perspectivas de pagamento). No caso das Investigações Transnacionais do FAIR, a primeira não foi paga, e a segunda resultou em publicações assalariadas pelos membros da equipa. Na terceira Investigação Transnacional em 2009, o FAIR implementou um sistema em que os membros da equipa independentes eram reembolsados a partir das do relatório pelo escritório central.

Aspectos principais deste capítulo

- ✓ Precisa de perguntas estruturadas que permitam passar de uma ideia vaga e teórica do texto a uma hipótese ou questão mais estreita que o Jornalismo de Investigação pode provar ou responder
- ✓ Deve planear o seu projecto em função da fundamentação, fontes de informação, obstáculos, calendário e orçamento
- ✓ A sua pauta deve fundamentar-se neste artigo
- ✓ Considere todas as fontes de informação: primárias, secundárias, documentais, humanas e digitais
- ✓ Saiba como empregar cada uma delas, e desenvolva uma metodologia que permita adquirir mais informações das fontes apropriadas.

Glossário

- **Investigação ampla** – o primeiro teste para confirmar a viabilidade de uma hipótese, verificando uma grande variedade de fontes de informação
- **Crowd sourcing** – convidando o público a contribuir através de telefone ou internet
- **Investigação profunda (minuciosa)** – focando nas perguntas chave que têm surgido, procurando respostas mais profundas
- **Pauta** - o resumo da reportagem, apresentado ao redactor, contendo uma hipótese, uma fundamentação, a metodologia, as fontes de informação, os obstáculos, o calendário e o orçamento
- **Provar e refutar evidências** – evidências recolhidas de fontes humanas e documentais que confirmam ou desmentem uma hipótese
- **Fundamentação** – motivo para o foco desta reportagem em especial
- **Calendário** – uma ilustração cronológica do projecto do artigo

Leitura adicional

- Existe um exemplo trabalhado muito interessante de planeamento de investigação no capítulo 4 do “*A Watchdog’s Guide to Investigative Reporting*” por Derek Forbes (Johannesburg: KAS, 2005, pp 15-26), Forbes liga cada fase de planeamento aos passos do processo adoptado pelo jornal *Sunday Times* para investigar as acusações de corrupção contra um então deputado sul africano, Tony Yengeni.
- O ficheiro completo da investigação sobre o Hospital Frere está disponível em <http://www.dispatch.co.za>
- O artigo de Thomas Oliver sobre fases de planeamento e produção de um projecto “*Stages of Planning and Producing a Project*” está disponível em http://www.poynter.org/content/content_print.asp?id=4568&custom=
- O dossier da investigação transnacional do FAIR está disponível em www.fairreporters.org; também pode encomendar uma cópia em formato papel no mesmo website.